

400 rs.

O PIRRALMO



NATAL EM BERLIM



O PRESEPE DO KAISER

DE AL-

aphico
semana.

2

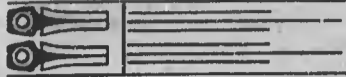
o pro-

ristica,
nder o
tado e

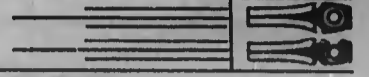
da en-
ade de

riagem
res ho-
dia.

0-B



O PIRRALHO



A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por NASCIMENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Dezembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscrição.

Depois da inscrição os mutualistas podem casar quando quizerem.

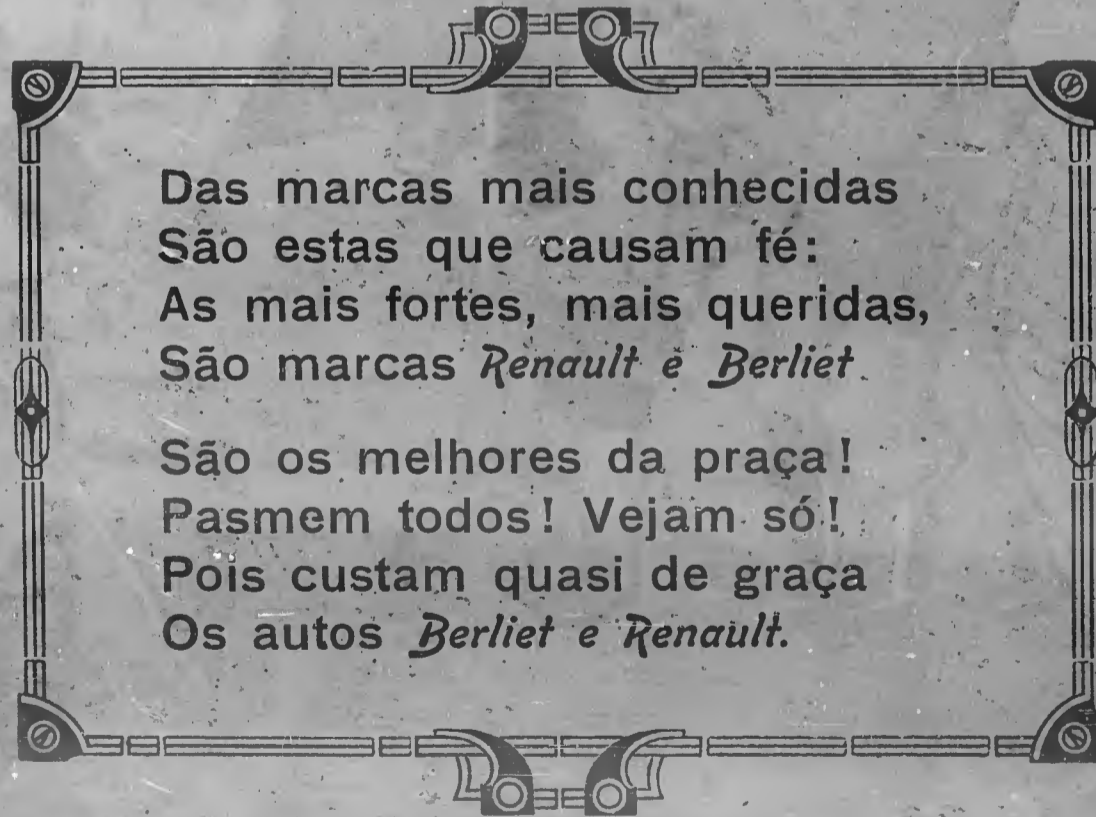
Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscrição* e receberá de *uma só vez* o peculio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA S. BENTO N. 47 (sob.) - Caixa Postal, U - Telephone, 2588

— SÃO PAULO —



Das marcas mais conhecidas
São estas que causam fé:
As mais fortes, mais queridas,
São marcas *Renault e Berliet*.

São os melhores da praça!
Pasmem todos! Vejam só!
Pois custam quasi de graça
Os autos *Berliet e Renault*.

Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41

S. Paulo, 26 de Dezembro de 1914

Numero 167

Semanario Illustrado
de Importancia

..... evidente

Redação
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B

Caixa do Correio, 1026



NATAL

Todos os annos a festa do Natal com o seu cerimonial singelo e os seus apparatus de simplicidade vem cantar aos nossos corações a alegria boa e sadia da vida e um não sei que de vago e inexprimivel perpassa pelo nosso espirito esparramando doçuras e vertendo balsamos...

E' a bençãam do Homem-Deus que no dia do Natal cãe com mais intensidade sobre nós, vivificando-nos, fortalecendo-nos, reconfortando-nos, acordando em nossas almas os sentimentos bons que trouxemos para a vida, infiltrando em nossos corações os lenitivos suaves de uma religião divina.

De todos os recantos do mundo erguem-se hymnos e litãnias e a terra toda em festa parece fremir de goso, e compartilhar da alegria dos homens num connubio de affecto grande e carinhoso.

Bimbalham os sinos, a natureza canta e uma harmonia inaudita espalha-se pelo ar pejado de perfumes, que se evolam das flores, mais redolentes nesse dia e mais viçosas.

Um misticismo doce, uma poesia candida apossa-se de homens e cousas e por toda parte um grato rumor de prece desperta a nossa crença entorpecida e aviva a nossa fé bruxo-leante.

Armam-se presepes, queimam-se cirios, entoam-se cãnticos e um clangor de victoria vibra sonoro e forte no ar festivo.

Ah o Natal! Quanta poesia se encerra nessa festa da humildade, quanto esplendor nos deslumbra, quanta magnificencia nos prostra e nos domina!

Esquecem-se magoas, desaparecem

afflições e torturas e a humanidade congregada ajoelha-se ante o Menino Jesus e como que ouvindo o verso do psalmista — *Omnes gentes, plaudite manibus* — ergue louvores ao Deus das alturas em hymnos fervorosos, em melopeas vibrantes de fé, em cãnticos repassados de ternura e piedade christã.

Quanta sensaçãam de goso intimo, quanto remedio para as nossas dores nos traz a evocaçãam da humilde e tosca mangedoura de Bethlem em que se ouviram os primeiros vagidos do Christo confundidos com a musica melodiosa dos anjos baixados do empyreo para cantar na terra a gloria de Deus feito homem.

Ah o Natal! Quanta poesia nessa festa, quanto esplendor nos deslumbra, quanta magnificencia nos prostra e nos domina!

A.

AVISO

Todas as pessoas que receberem este numero da nossa revista e não o devolverem serãam consideradas assignantes

COISAS DA RUA

Natal! Natal!

Chegou enfim a hora do *gloria in excelsis Deo!*

A morte não é senãam, no dizer dos scientists, o constante renovar de vidas... E assim o Natal, é a festa da vida e a festa da morte.

Cada vida que se apaga, accende uma nova vida, cada emoçãam que morre géra uma nova emoçãam, cada amor que se acaba palpita e resplandece nos nãovos olhos de nãova amada. É o evolucionismo no amor.

Cada amor, corresponde sempre ao primeiro que se teve na vida.

E assim cada morte corresponde a uma nova vida, cada sexta-feira da Paixãam, a um dia do Natal.

E o Natal vem todos os annos, injectando-nos uma vida nova, enchendo-nos de esperança no novo anno que chega.

E a commemoraçãam do nascimento do meigo Nazareno, representa a mais suave das festividades catholicas como sendo a festa da humildade, do amor e da esperança.

Essa trilogia bemdicta, no humilde estãbulo de Belem, palpita no nascimento do menino Deus, representando a humildade no lugar onde nasceu o Rei do mundo, o amor, nas figuras de José e Maria a esperança no suave *gloria in excelsis Deo et in terra pace hominibus bone voluntatem*, que o anjo exclamou, saudando Jesus.

E é por isso talvez, que todos os annos, pelo Natal, um mundo de esperanças nos enche a alma, um punhado de emoções, de effectos nãovos, borboleteiam no nosso cerebro.

O Natal é a vida e o Natal é a morte.

E' a vida, porque nos faz sorrir, enchendo-nos a alma de sonhos, é a morte porque cada nascer corresponde sempre a um acabar, cada Natal corresponde sempre á morte de um anno, bem ou mal vivido.

E o Pae Noel fica sendo entãam o coveiro do anno que morre e o mensageiro do anno que vem, trazendo-nos às vezes uma lagrima e um sorriso, uma esperança e uma saudade, na razãam directa dos contrastes do mundo.

Que este anno o bondoso Pae Noel encha o chinello da minha vida e o dos meus leitores com um punhado de esperanças e coisas bõas, sãam os meus votos sinceros. E por isso, *gloria in excelsis Deo!*

Salve Natal!

MARCUS PRISCUS.

ADE

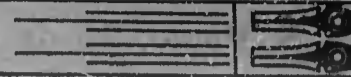
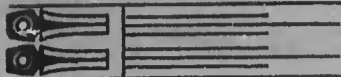
mento

do 10

cia de
nedade

2588

N. 41



Nota Politica

O momento politico é o "caso fluminense."

Essa primeira bota que o snr. Presidente da Republica tem que descalçar, no comço ainda do seu auspicioso governo, constituirá por certo o promissor prefacio, da sua obra de quatro annos, ou a fatal plataforma da sua politica de temôres e fraquezas.

A victoria do snr. Nilo Peçanha, no terreno juridico e no terreno politico, é uma realidade. O estadista fluminense deu, nestes tempos de desanimo e descrença, um bello exemplo de civismo. S. Ex.ia, lutando contra o oppressor governo do seu Estado, fêz a bella campanha democratica no interior do Estado, derrotou o governo e... quando parecia que toda a sua grande obra de regeneração politica, ia sossobar, S. Ex.ia bate ás portas da Suprema Côrte da Justiça e de lá são amparado pelos "verdicta" de consciencias honestas, proclamando-o o presidente eleito, escudada pela Justiça e pelo Direito.

Lutando contra os arruaceiros do snr. Oliveira Botelho, o candidato democratico irá tomar posse do governo no dia 31 do corrente, pretigiado certamente pela força federal de Nicterohy, para garantir o candidato amparado pela Justiça.

Esperemos o desfecho dessa luta e, estamos certos de que ao fim, teremos que applaudir sinceramente o snr. Wenceslau Braz, pela maneira digna e nobre com que S. Ex.ia vem encarando esse caso, hoje puramente juridico.

Os botelhistas, esses infelizes derrotados, dizem que não querem absolutamente se conformar com a derrota e preparam arruaças e até um attentado contra o snr. Nilo, por occasião da sua posse. Essa é a nota caracteristica da politica brasileira. Em desespero de causa, o assassinato, o sangue, a pancadaria, tudo isso offendendo os brios do povo e os nossos suppostos fóros de gente civilizada...

Essa gentalha chefiada naturalmente por esse infeliz Theodoro Figueira, 2.º

secretario do ajuntamento botelhistas que se intitula assembléa fluminense, teve a audacia de se dirigir ao Presidente da Republica e lhe entregar um vehemente protesto contra o procedimento do Supremo Tribunal Federal?!

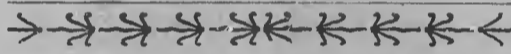
Naturalmente é isso que pensam os que com o deputado Theodoro Figueira, foram ao Cattete... se queixar, confundindo o Snr. Wenceslau com... o Bispo.

Se todos os botelhistas forem do jacz desse cameleão politico que é o snr. Figueira, que já teve a ventnra, com desgraça para mim de ser meu amigo... estão muito bem, os arruaceiros de Nicterohy.

O Snr. Wenceslau, é que não pode estar com essa gente.

Para traz, com elles!

D.



O bilhete sahiu branco; quanto sonho morto nesta phrase meu pobre amigo...

Não mais te vêrei frenetico, embriagado de sonhos, a esboçar tantos planos luminosos...

A tua pobre alma, triste não mais vibrará de emoção quando pensares nas grandes pyramides, que já te esperavam, envoltas no sorriso enigmatico da grande esphyngue e os teus olhos, os teus pobres olhos de sonhador não irão descançar tranquillos e contentes nas aguas azuladas do lendario Nilo.

Quanto sonho morto... as longas jornadas nos dorsos de camellos tranquillos, a caravana que lá se ia, tonta de sonho, num passo tranquillo e seguro em demanda da Palestina, terra dos teus sonhos... o Oriente fabuloso e mirabolante (?) longe, muito longe do teu alcance...

Paciencia, meu amigo, e consola-te com todos os luminosos sonhos que o teu bilhete, embora branco te permitiu fazer...

É tão bom sonhar...

Os nossos instantaneos



O PIRRALHO NO RIO

Chronicas, sueltos, notas politicas, caricaturas, photographias, etc.

Brevemente

A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS O DR. MELLO NOGUEIRA

Meus caros amigos

Aprazia-me ficar mettido nas encospias e assim, com vantagem, saborear os doutos pareceres dos authorisados homens de letras por Voces consultados a respeito do admiravel typo esculpido por Eça de Queiroz na « Correspondencia de Fradique Mendes ». Aguilboado, porem, pela generosa insistencia dos amigos, insistencia que tanto estimula a minha présumção de estudioso o adelgaça a timidez oriunda da falta de meritos litterarios, não posso esquivar-me e inicio estas linhas na illudente esperanza de poder trazer algo de judicioso.

Lá, como toda a gente, a obra immane do notavel escriptor portuguez e ainda conservo fortemente tauxiadas na mente as suas principaes creações.

Que o ver si consigo enunciar em exiguas linhas, a minha pouco valiosa opinião, suplitando o desejo de alongar mo sobre o objecto da « enquête », que daria margem a extensas e prolixas digressões. Não devo nem quero surazinar a paciencia dos leitores do « Pirralho ».

A meu ver, Fradique Mendes, tal qual o descreve Eça e o revelam suas cartas, representa o arcabouço exacto de um typo que Nietzsche não hesitaria em collocar na resumida e privilegiada galeria dos super-homens.

Fradique é um homem vigoroso e bello, intelligente e culto, viajado e rico, formando juizos proprios e originaes, desapegados ás idéas feitas, despido de preconceitos e conveniencias.

Para approximar a sua criação da realidade, Eça emprestou-lhe alguns senões.

Fradique ainda muito creança perdeu os paes e a sua educação, pessimamente iniciada por uma velha tia estouvada que, aos sessenta annos ainda soffria dos « dardos d'amor », foi completada por um tio casquilho e frivolo.

Sentio-se só no mundo, muito jovem ainda, sem ligações intimas de parentesco, sem uma instrução completa e espungida de erros e incertezas, mas rico, bastante rico. Como era de esperar, n'um espirito ainda não formado, Fradique accoitou os acenos de libertinagem, atirando-se ao barathro da vida, n'um prurido inexaurivel de emoções novas, n'uma ancia desesperada de gosos ineditos e de feitos estrepitosos, procurando tomar parte em episodios de vulto, em aventuras de relevo. Dominou-o o delirio da locomoção, o irresistivel anseio de viajar, de correr mundo.

Com o perpassar dos annos assentaram-se

as suas idéas. Acalmaram-se os seus primeiros impetos, augmentaram os seus conhecimentos, formou-se o seu caracter e só então é que se começa a admirar o typo creado com tanto carinho pelo eximio Eça. Fradique tinha então 33 annos.

Prematura experiencia da vida, e a maneira toda sua de encarar a existencia e o seu futil aspecto mudano de rigoroso observador do protocollo dão-lhe um ar grave, cortez e reservado que parece postigo e recheiado de pedantismo.

Pura apparencia, contudo. Nada de ficção nas suas maneiras. Fradique detesta a politiquice e os politiquiceiros, não ambi-



ciosa cargos nem posições, abomina o exhibicionismo na sua multiforme revelação, quer seja de erudição ou do charidade, de riqueza, ou de elegancia, de gosto ou do originalidade. Gosa a vida a seu modo, desfructando-a amplamente. Veste-se com sobriedade e elegancia, adora o luxo e o conforto sem o atulhamento gritante tão do agrado dos *parvenus*, sem a preocupação ridicula de embasbacar as galerias.

Si fosse um Pacheo (aliás um magnifico typo para vencer na vida e oncumear-se facilmente em certos ambientes) construiria um palacio vistoso, engrotado de moveis caros, no bairro mais aristocratico de Lisboa, faria alarde de sua fortuna e relações na alta, teria carruagens luxuosas e cavallos ardegos, não perderia occasião de encandillar-se frequentando a estação lyri-a no São Carlos e a balnearia em Cascaes, discorreria dogmatico e solenne contando cousas de todos sabidas, patentearia charidade e interesses philanthropicos fartamente declamados

pela imprensa. Fradique tinha horror a taes frioleiras. De sua quinta na pittoresca Cintra sahia percorrendo lentamente ora uma ora outra provincia lusitana, admirando a natureza do seu paiz e tambem o seu povo nas suas qualidades e defeitos, sentindo-se bem nesse meio rustico tão diferente da Lisboa « aliteratada, catita, conselheiral. » Passou grande parte da vida viajando sem ter por principal attractivo rebolear-se no sordido atascadeiro de faceis aventuras de frascarios, como fazem os jovens endinheirados. Ao contrario desses *touristes* que apenas estudam o « relevo dos monumentos e a roupage das multidões » e se enervillam no tremedal dos grandes centros á cata da flôr do lódo, Fradique escabichava a ethogenia dos diferentes povos que visitava, as suas religiões, a sua historia, idiomas, raças, mythos, philosophias. E assim, observando cuidadosamente, com o seu espirito lucido e independente, conseguiu armazenar variada e profunda erudição.

Conheceu de perto os maiores vultos intellectuaes do seu tempo podendo assim avaliar a intensidade, o brilho da luz que desprendiam e a grandeza das manchas que salpicam todos os sóes. A sua alma tinha a discreção profunda dos fortes, só se revelando, mesmo aos mais intimos, pelo lado do espirito, da intelligencia, dos conhecimentos adquiridos, dos juizos formados, escondendo cicsamente o homem affectivo, o homem coração. Sabia prestar calorosas e merecidas homenagens ao « ephemero feminino » mas não tinha confidentes, não narrava aventuras, não se descobria e nunca abriu a bocca para thurificar a sua vaidade de homem, naturalmente feliz.

Expunha e defendia suas idéas e opiniões, quasi sempre novas, ineditas, por vezes irreverentes mas sem a preocupação da originalidade, sem ambição de notoriedade, sem resquícios d'autolatria. Repugnava-lhe a publicidade. Intelligente investidor da historia e das obras antigas comprehendia que, muito pouco de novo, se poderia escrever o a-reditava na impotencia absoluta do verbo para exprimir nitidamente as nossas impressões.

Não irei mais longe. Mas bastam estas linhas para deixar patente que Fradique representa um typo possivel e superior. E tanto é assim que pullulam os seus imitadores. Quantos tenho eu conhecido, dizendo cousas campanudas e impensadas, que julgam altamente originaes e tomando attitudes a Fradique!

Tivesse eu tempo e espaço e contaria



eousas... Felizmente as columnas do « Pirralho » são diminutas e assim não correrá o risco de cair nas iras de muita gente que, procurando imitar Fradique nada mais faz que seguir as léguas de Pacheco.

E em boa hora assim o fazem taes imitadores do fancia, porque os Pachecos ascendem sempre na escala social, enquanto que os Fradiques serão uns eternos incomprehendidos, victimas das descargas da calunnia, do odio, da malodicoencia, rociados pela inveja, perseguidos pelo sorriso desdenhoso da santimonia encorrilhada.

Sim, um typo no genero Fradique, sem as credenciaes de sua correspondencia, passaria aos olhos dos que o não conhecessem intimamente por vaidoso e frívolo, pretencioso e ridiculo.

Fradique foi um typo creado com especial carinho por Eça que possuia qualidades de grande psychologo, observador metuculoso, não escapando ao alcance de sua privilegiada mira, os ridiculos, as pequenices, as miserias moraes, as hypoerisias e outras mazellas mil que vegetam nas sociedades com insidiosa exuberancia. Mas, além de psychologo, Eça era um revoltado e um combatente.

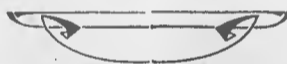
Repugnavam-lhe as impurezas do mundo e o seu verbo flammejante abrazava os como um ferro candente. Eis porque cada uma de suas creações representa um archote que esturica impiedosamente idolos em evidencia, um latego ferino que corta e dilacera preconceitos e habitos com a força esborotante da ironia atroz.

E muitas vezes o psychologo é obumbrado pelo combatente que, nos éstos da exacerbacão deixa escapar peq. nos senões que se evidenciam aos olhos observadores do leitor, produzindo ligeiras cont adicções que, só o exame do todo corrige. Mesmo na « Correspondencia de Fradique »... mas onde vou eu parar neste tramite?

Basta. Receio já me ter alongado mais do que devia e os meus amigos do « Pirralho » não exigem a analyse da admiravel obra de Eça. A pergunta que me fizeram creio tel a respondido dentro dos limites de minhas fracoas e reduzidas forças. Assim aqui pingo o ponto final.

S. Paulo, 12-12-914.

BREVEMENTE iniciaremos a secção **O Pirralho no Rio**, que, naturalmente, está destinada a fazer grande successo.



A PINGUANCHA

« Cavallo de quem namora »... faz-se de chucro se é manso, pois o dono põe-lhe a espora, erguendo poeira no avanço.

Não tem dia nem tem hora marcados para descanso, e o pobre animal escora, sempre firme no balanço.

No arreo sorocabano o namorado se enganha, galopando a todo-o-panno.

Todo em garbos se desmancha, o caboclo tatuhyano, quando vae ver a pinguancha.

S. Paulo, 14-12-914.

CORNELIO PIRES

(Da Vida Cabocla — em preparo).



NOTICIAS DA GUERRA EM BERLIM

A MISSA DO GALLO

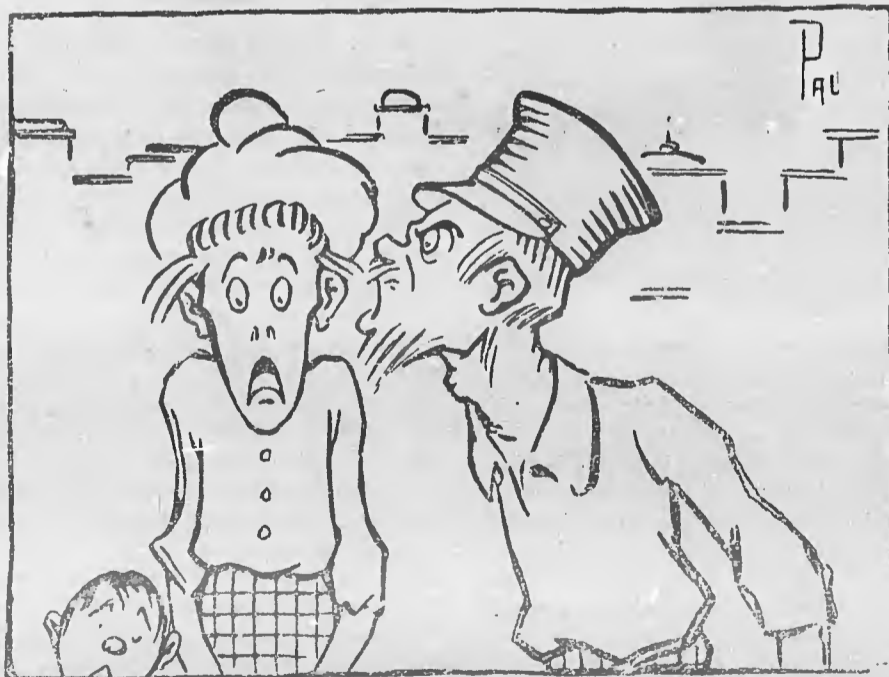
Partem em bando as lindas raparigas,
Vestidos novos de variadas cores,
Lá se vão enlaçadas, muito amigas,
Segredando una á outra os seus amores.

Despreoccupadas, ledas, as fadigas
Do dia já se foram e das dores
Nou mais se lembram, tudo são cantigas,
Melodias sem par, hymnos e flores.

Eu ouço a sua voz, ouço os seus passos,
Abro a janella e vejo-as saltitantes,
Mostrando os seios e exhibindo os braços.

Vão á missa do gallo e eu solitario
Fico iracundo ao vel-as já distantes,
E não poder sahir fóra de horario...

JACINTHO GÓES



Boatos de victoria

“PIRRALHO” SOCIAL



A pagina maravilhosa de Camillo, ha de atravessar os tempos como um ensinamento proveitoso, perdurando em todos os espiritos que ha vinte seculos se debruçam ante a mangedoura humilde que viu nascer o filho de Maria. « Ha um milagre de todos os dias — diz elle — ha mil e oitocentos annos a verifical-o: é a sua conservação. Gerações e systemas, philosophos e philosophias, tudo se foi na voragem. Cada século tem tido o seu idolo; cada idolo tem baqueado no abysmo commum das apothoses humanas: sabios, legisladores, reformadores, tudo que teve um grande nome, tudo que teve uma ephemera gloria. O que está em pé, rodeado das muralhas divinas, cont a as quaes resaltam em espuma as tempestades da razão humana, é o estandarte da Cruz, o guião dos sabios civilizadores. Este é que é o milagre. »

Elle teve razão Camillo: mi'agre que se renova todos os dias, a todos os instantes, quer seja nos olhos supplices de uma mãe afflita quando pede aos céos um balsamo para a sua dôr, quer seja no ail maguado do moribundo quando a Christo crucificado supplica um refrigerio para o seu desespero.

Por isso é que o dia do nascimento de Christo-Jesus é um dia de gloria para toda a Humanidade. Por isso é que, quanto mais os povos se civilisam, maior veneração e maior respeito dedicam a esse que foi o Redemptor supremo da humanidade soffre-

dora, ou o maior dos philosophos como quer Rénan.

Deus ou Philosopho Supremo, adoremos o Christo, e veneremos a sua imagem Santa.



Commemorando a sua approvação nas materias que constituem o 3.º anno de Direito

Os nossos instantaneos



da Universidade de S. Pau'o, e distincto academico José Alves Motta reuniu ha poucos dias um grupo de amigos no Progredior, offerecendo-lhes um almoço.

A reunião decorreu em meio de grande alegria, sendo o Mottinha saudado, ao *champagne*, pelo dr. Gabriel Velloso da Silveira, que, em eloquente discurso pôz em relevo as optimas qualidades do amigo, que se lembrou dos amigos para com elles commemorar um dia de jubilo.

O almoço terminou ás 13 horas e meia, sendo o Mottinha saudado effusivamente.



O Club de Regatas Tieté realizará amanhã em sua séde social, na Chacara da Floresta, uma interessante festa sportiva. A' noite, haverá dansas, tocando uma secção da banda da Força Publica.



Mlle A. H.

Mlle é uma dessas figurinhas insinuante que attrahem e encantam pelas suas maneiras gentis. Na sua pelle macia e perfumada, mlle guarda tambem essa doirada côr, que é, « a mesma côr de Sirius ». E' uma das moças intellectuaes de S. Paulo. Conhece bem a litteratura patria, e a franceza principalmente, que ella muito admira.

Traz sempre um sorriso de ouro á flor dos labios, e é esse sorriso perenne que a faz encantadora. Dansa com requintada elegancia, e aprecia muito as festas do Club Internacional.

Adora o Rio de Janeiro e os cariocas. Por isso vae sempre á liuda capital onde, dizem

LANTERNA MAGICA

O NATAL DE JACK JOHNSON

Passou pelos nossos portos em demanda da metropole do sul, onde vae em feira, o negro Jack Johnson, campeão mundial de *box*.

É passou de primeira classe, n'um luxo inutil de *cabines* reservadas, com creados europeus e mulher branca.

Jack Johnson é hoje o suggestivo semi-dens da brutalidade, accrescido de valor porque ás excellencias dos mais fazeanhudos athletas junta o colorido animaloseo de negro.

A sua appareição foi brusca e natural como uma explosão de força terrestre.

Inconsciente, bronco, insensivel, elle esborracha num *match* a cara do ultimo detentor da gloria muscular dos brancos.

Da sensação que o mundo demonstra, apenas o attingem as manifestações que o circumdam de perto — applausos de rua e de circo, vaias de praça publica e injurias directas.

Aos applausos, os seus musculos faciaes se estoreem num esforço de victoria sobre a atavica animalidade, abre-se-lhe enfim a horrenda bocca desdentada, e Johnson ri-se

A's vaias, sobem-lhe do fundo da alma rudimentar impetos assassins que se partem de encontro á sua ve ha covardia de negro.

E de par com as admirações, surgiram os amores — hytericas, nymphomanicas, extravagantes de toda especie, enxergam nelle o homem primitivo, toda a lenda do animal toseco da edade de pedra e sobre elle se atiram na furiosa raiva do seu goso insatisfeito.

A vida então o subjuga e transforma com a sua facilidade de risongas aventuras, com o seu magnifico cortejo de presentes em que a mulher, o ouro e a victoria se succedem como numa tentação de anachoreta.

as más linguas, m.lle tem fevorosos admiradores.

M.lle é, emfim, uma rosa gentil e perfumada desse *bouquet* adoravel constituído pelas nossas moças de élite.



Mr. le Dr. P. G.

Aqui se dirá hojo, em synthese amavel, quem é o dr. P. G.

Eis ali um dos rapazes mais conhecidos da nossa *urbs*, como gentleman, advogado

Os nossos instantaneos



perito, e Sherlock de nomeada. O seu tirocinio academico foi um dos mais felizes; e ur. viu sempre os seus esforços e o seu grandando amor ao estudo coroados de exito.

Ao bacharelarse recebeu valioso livro, homenagem que lhe foi prestada pelo integro dr. Porchat.

Basta isso, para o recommendar. Na vida pratica Mr. não tem sido menos feliz. E delegado no interior, e nesse posto se tem distinguido, devendo-lhe já o Estado valiosos serviços.

Mr. *le delegat* já conseguiu descobrir erros judicarios, o já effe tuou importantissimas prisões. Nos seus tempos de academico já presidiu a uma sessão de Jury pratico, organizado pelo dr. Azevedo Marques.

Dansarino emérito, mr. já fez furor nos nossos bailes. Para terminar, é sobrinho de um dos nossos operosos deputados.



M.lle, ao que dizem, magnou-se com seu amado. Porque, ninguém o sabe. Esperemos pelos acontecimentos.



Com. Mondim Pestana

Passou ha dias o ann'versario natalicio do Commendador Tiburtino Mondim Pestana, digno official de Gabinete do dr. Secretario do Interior.

O Com. Tiburtino conta em nosso meio innumeradas e sinceras amizades, conquistadas pelo seu fino trato, pelos seus dotes elevadissimos de coração e intelligencia. Para quem, como nós, couhece o Com. Tiburtino a passagem do seu natalicio é motivo de intenso jubilo, pois que S. S. se faz credor da estima e admiração de todos os seus amigos.

Acceite, pois, o Com. Tiburtino nesses sinceros emboras.

OS NOSSOS INSTANTANEOS



Varios cavalheiros nos têm enviado cartas, solicitando-nos uma opinião acerca do modo por que deverão trajar-se por occasião da *matinée* de amanhã no Germania.

Sem pretensão absolutamente alguma, e apenas para attender a esses pedidos, aqui lhes respondemos hoje.

A uma *matinée chic* deve-se ir do *frack*, (preto ou mesclado), calça phantasia e botinas de verniz, com camurça clara ou pelainas da mesma côr. As luvas são indispensaveis.

RUY BLAS

Desordenado e inferior, incapaz de sustentar a visão que creara e dirigir os proveitos que lhe vêm, elle envereda pelo caminho torpemente humano da ambição sem freio nem medida, do desejo ruim de todas as vantagens — processam-n'o como explorador de mulheres.

Elle, porém, se rehabilita um instante para esthetas e philosophos — tem a grandeza de chorar publicamente, monstro que é, inacabado na propria imperfeição.

Salva-o para o grande publico, a rijesa permanente dos seus musculos de gorilla. Eil-o que passa em exhibição para o continente europeu, onde a extravagancia do seu americanismo lhe autorisa exito maior.

Enriquecido, recolhido a certa intimidade de vida sensual pelo pavor da justiça que já lhe arreganhara os dentes, elle apenas ousa casar-se com mulher branca e linda.

Eil-o normalizado afinal. Sabe que não é crime esmurrar mirrados atletas loiros em tablados, sob a emoção das salas rumorosas.

Sabe que não é crime receber em cada *match* centenas de mil francos. Affirma-se então, consolida-se a sua tremenda personali-

dade de campeão. E, aclamado e insultado, á luz crua das lampadas de theatro, a penitudo do seu eu se distende nos assaltos, e a cada victoriosa investida, a cada *prise* terrivel em que soffoca de soccos o adversario, elle é a reincarnação estupenda da Luta, a magnifica, a eterna resurreição symbolica da Força.

Vem a guerra, e Johnson num pavor caracteristico de negro, corre na ania de se salvar e de salvar a fortuna.

Paris, na emoção ueivosa da *revanche*, electrizado por Liégo, empurra, a otevela com desprezo no mesmo ro'dão dos fugitivos, o campeão acovardado.

Johnson quasi hesitado, embarca para a Inglaterra os seus automoveis, os seus objectos e a sua familia. E desaparece immediatamente ante o mundo novo das emoções heroicas dos campos de batalha.

NATAL

Inedito para o "Pirralho"

De permeio aos rebentos viçosos e primaveris com que o presenteára setembro, voltava ao jasmineiro que guirlandava a ampla janella do meu quarto infantil, o enxame de botões precusores do Natal. O bando de andorinhas que o annunciava lá vinha, voltava num voltejar alegre e estonteador. Do proximo pombal os mesmos cariciantes arrulos dos outros annos chegavam-me aos ouvidos; chegava-me aos ouvidos o mesmo tumultuar de azas tenras em ensaio de longos vôos. E ao meu coração infantil voltava a mesma alegria pela proxima volta dos presepes, tão lindos, perfumando o ambiente do odôr acre de folhas e flôres fanadas ao calor dos cirios. Voltavam as ferias, os pinheiros inçados de brinquedos e de confeitos.

**

Voltaram aos jasmineiros os botões precusores do novo Natal que voltava. O mesmo bando de andorinhas lá vinha, voltava. Ao proximo pombal voltaram a mesma confusão de arrulos e tumultuar de azas. Voltaram os presepes, voltaram, para outros as ferias. Voltaram os pinheiros symbolicos. Mas, para o meu coração de ado-

lescente não mais voltou a alegria de antanho. Qualquer cousa de indefinido, um sentimento vago, mixto de saudade e de esperança, o invadira, apossando-se do logar onde germinava a alegria que não voltára, não voltára mais.

**

Com um luxo exuberante, por mim até então nunca visto, numa pompa esmeraldica, vestira-se o jasmineiro á espera do novo Natal; e os botões precusores, mais brancos me pareceram. Voltaram as andorinhas — e que brilho traziam nas azas, por mim até agora desconhecido?

Os arrulos pareceram-me mais acariciadores; no tumulto do bater de azas havia como que um aneio de almas. E' que a minha alma tambem anciava num anhelos de beijos, cheia de crenças, cheia de illusões, não mais indecisa, e o coração se abria para as effusões do amôr, já sem vacillações, vibrando forte. E aquelle mixto de saudade e esperança, aquelle sentimento vago e indefinido que o invadira, já agora não mais voltára, não voltára mais.

**

Bem me dizia o jasmineiro enflorado que era chegado novamente Natal.

Diziam-me as audorinhas adejantes, e, como outr'ora o acclamavam, ali do pombal, o alvoroço de arrulos e o bater de azas. Eu, da minha janella, via o bando alacre das creanças em demanda dos presepes, via as moças, aos pares, illuminadas as physionomias daquella mesma luz que me illuminára a alma. Avassallou-me a lembrança daquella alegria infantil que me encantava. E uma grande saudade daquella alegria, daquelle sentimento vago e indefinido, mixto de saudade e esperança, saudades das minhas crenças, das minhas illusões mortas; saudade immensa, irreparavel, dolorosa, de mim se apossou.

**

Volta o Natal. Voltam ao jasmineiro as flôres; voltam ao espaço as andorinhas, como ao pombal volta a fecundação. A' minh'alma, porém, só volta a grande saudade, a saudade immensa das minhas alegrias, das minhas illusões, das minhas crenças, que nunca mais, nunca mais voltaram, nunca mais voltarão!

RAPHAELINA DE BARROS

No susto do seu retiro, elle sabe dia a dia o que se passa. E dia a dia elle vê a razão do seu triumpho, na vida ser ainda a razão dos maiores acontecimentos da terra. É a Força que fala. É a Força que fez partirem pelas estradas milhões de creaturas, que fez outros milhões virem encontra-los por outras estradas, outros milhões abandonarem sémi loucos de terror cidades, lares e culturas, outros milhões se despedaçarem de outro lado do mundo.

Satisfeito da sua envergadura invencida, elle comprehende mais ainda que é a maior força que tem o maior direito. Quem ganhar será o Jack Johnson da historia, e terá dinheiro como elle e acclamações como elle.

Em quanto se decide o *match* gigantesco, eil-o que viaja para terras mais seguras e mais calmas, onde o seu valor subsista ainda na confusão do momento.

E d'aquí, da serena America meridional, elle assiste o tremendo desenrolar do encontro.

Mais e mais se apertam os contendores na liça, mais e mais os seus golpes são espantosos de energia e de rudeza. Vae em pleno desencadeamento de furia a luta cyclopica.

Mas aproxima-se o Natal. E subito, de toda parte do immenso tablado um desejo indefinido de paz, de concordia e de a'egria se agita, sóbe, se afirma.

Johnson devo se espantar. Que força é essa que consegue conter a Força, que consegue a troca de pa'avras pacificas entre nações que se assassinaam?

Que força é essa que pretende paralyzar durante uma noite e um dia os loucos assaltos e fazer calar o mortifero canhão?

Surpreso, confundido, o negro semi-deus da brutalidade, vae ter decerto pela primeira vez a noção do Natal, e saber que, uma noite, vinte seculos atraz, nasceu em Bethlem o meigo Redemptor do Mundo.

OSWALD DE ANDRADE

PERFIS FEMININOS

VII

À JUDIA

Rosa de Jerichó, branca açucena,
do Carmello nas faldas altaneiras!
Como os cedros do Libano é serena,
trescalam nardo as suas cabelleiras...

No rosto estampa o alvôr da Magdalena;
seu beijo é como o fructo das figueiras;
tem na voz a melliflua cantilena
da brisa a farfalhar nas oliveiras...

Seu pranto é salutar ao coração
como as magicas aguas do Jordão...
E o seu amor tão puro e illimitado,

que a gente, sem querer, logo a compara
à tal mulher a quem Jesus perdoára,
porque ella havia por demais amado!

VIII

A ORIENTAL

Mulher sensual, lasciva, seductora,
que faz sonhar e que embriaga até
como a espiral de fumo inebriadora
que se evola subtil de um *narghilé*.

A sua bôcca menos tentatora
que o nectar de uma támara não é;
no olhar tem a magia promissora
do paraizo ideal de Mahomet.

E' de vél-a bailar ante o Sultão
— austero como as normas do Al-Korão,
nos seus scismares graves e profundos. —

Toda a se contorcer, recúa, avança,
elastica e ligeira; e gyra e dansa }
bamboleando seus quadrís rotundos...

G. DE ANDRADE E ALMEIDA.

NO JOCKEY CLUB



1) O VENCEDOR DO PREMIO *Criterion* E O JOCKEY QUE OBTVEU O SEGUNDO LUGAR NA
SENSACIONAL DISPUTA — 2) UM ASPECTO DA ASSISTENCIA

NATAL! natal! os sinos vibram alegremente... quanta alegria nos corações dos petizes que esperam, impacientes. a visita de São Nicolau, que vem trazer-lhes os presentes ambicionados durante todo o anno e pelos quaes elles se comportaram tão bem, reprimindo muitos desejos de travessura que lhe illuminaram os olhos.

A arvore, a arvore faiscante de luzes, carregada de presentes que os deslumbra tanto e que accorda em nossos corações saudades, muita impressão de infancia já quasi apagada e que hoje vem nos sorrir candidamente enchendo-nos os olhos de lagrima.

Emquanto os sinos commemoram festivamente o nascimento do innocuo Deus, penso com tristeza em todas as creaturinhas que, do outro lado do Atlantico, este anno esperarão inutilmente São Nicolau...

E ponho-me a considerar longamente a tristeza que vão sentir amanha quando encontrarem os seus sapatinhos vasios.

O certo é que acho o Natal este anno tão triste, tão differente dos outros...

Sociedade de Cultura Artística

Com o brilhantismo do costume realizou na terça feira passada mais um dos seus sarões artisticos, a benemerita sociedade de Cultura Artística.

Não precisamos dizer aqui o que tem feito de util essa sociedade de letras, pois a sua obra sadia e salutar ahi está, recentissima, mas já attestando ao povo culto de S. Paulo, o quanto pode fazer uma associação que acolhe em seu seio a fina flôr da intellectualidade paulistana.

Na festa de terça-feira afóra a parte musical desempenhada a contento geral, deu-nos a Cultura Artística a optima conferencia de Alberto Seabra, o conhecido intellectual paulista, sobre o grande vulto de Tobias Barreto.

A conferencia do illustre homem de letras revelou-nos um Tobias Barreto, grande, bom, intelligentissimo, poeta e pensador philosopho, encarado desapaixonadamente pelo conferencista, cuja palavra fascinante e facil deleitou a toda a assistencia com os encantos da sua literatura bôa e sã.

Aos muitos applausos tributados ao dr. Alberto Seabra e á Sociedade de Cultura Artística, o *Pirralho* junta os seus.

TURF

Causou grande successo a ultima reunião do Jockey Club promovida no nosso Prado da Modca.

O premio Criterium foi bem disputado, cabendo ao excellentc corredor carioca Mont-Blanc.

Para o dia 3 de Janeiro proximo está sen-organizado magnifico programma em que figura a disputa do premio Jockey Club.

SENSACIONAL

No 1º ou no 2º numero de Janeiro iniciaremos a secção "O Pirralho no Rio". Successo extraordinario

"Pirralho" Carteiro

M.lla Carolina: Nesta casa ninguém pode informar M.lla do que ha.

M.º Zéca Velloso: Hontem fallamos com M.lla sobre o festejado poeta caipira, Cornelio Pires

M.lla Filhinha: No proximo numero, responderá á nossa enquete sobre Fradique, o conhecido poeta paulista. Amadeu Amaral.

M.me Das Dôres: Pergunte ao Dr. Mello Nogueira. Elle é que sabe dessas coisas. Ás suas ordens.

M.º Cerqueira Leite: Não podem sahir os seus versos. Gratos.

M.lla Zelinda: Pode mandar a photographia da sua mão. Max Flog é extraordinario. Muitas senhoritas o têm procurado pessoalmente, aqui na redacção. Mande a photographia. Ás suas ordens.

M.lla Leonor Balzac: (Laranjeiras — Rio) Recebi sua carta. Com aquella redacção não pode sahir. Temos medo da syncope de M.lla Maricota. Pobre do Manéco Aranha!

Comtudo, continue a nos escrever. Ás suas ordens.



M.º Beppe M. Bisdi: Juó Bananére infelizmente está enfermo. Em breve esperamos vel-o retabeleccido. Por elle agradecemos as felicitações. Obrigados.

M.lla Brigida: Aprompte por ahi uma bôa photographia sua. O *Pirralho* quer publical-a e mandará pedir brevemente a sua autorisação para isso. Sempre seu.

M.lla Gaby: Como vai? Leia o que vae escripto acima. Obedeça.

Les quatre M.les B: Leiam o que vae escripto acima. Obedeçam

Pequenina: — Sua carta chegou muito tarde. A resposta fica para o proximo numero.

AZAMBUJA — Administrador

Papelaria Define

DEFINE & COMP.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 88

Officinas e Deposito N. 70

Telefone, 642 — Caixa, 544

S. PAULO

FORÇA FEDERAL EM NICTHEROY



O ESTADO MAIOR ESTUDANDO O PLANO PARA SALVAR A ZONA DA ANARCHIA POLITICA

OS BUROCRATAS E O MERCADO

Ogeriza velha — Chamado de feio, s. exa. agride.

O sr. Mercado é o typo classico do deputado opposicionista. Eleito pelo partido dominante, ataca o seu eleitor sem dó nem piedade: — ataca por tabella. Aggride o Governo, malhando de rijo na cabeça do funcionalismo publico — essa classe privilegiada que ganha invejaveis ordenados para lêr romances e jogar no “bicho”. Surge um projecto, creando um imposto sobre os vencimentos dos funcionarios, ou abolindo uma das poucas regalias que elles têm, e o sr. Mercado ergue-se, apoplectico, berrando:

— 5% é pouco. Eleve-se o imposto; supprimam-se as ferias e as faltas justificadas. Funcionario publico é synonymo de vadio; a Colonia Correccional está cheia de funcionarios.

— V. Exa. exaggera — aparteia um nobre deputado que tem 10 filhos na burocracia...

— Não exaggero. A burocracia é um cancro social. E' um panno pezado que fizeram cair entre o bem que se deveria fazer e o homem de Estado que deveria fazel-o. Este pensamento não é meu, é de Balzac...

De facto o grande escriptor fez esse conceito da burocracia, aliás muito justo.

Nós, o povo, podemos endossar a opinião de Balzac, — o sr. Mercado é que não. Secretario do Governo Prudente de Moraes, o destemido parlamentar não foi o homem de Estado que fizesse o bem. Economico, “gazi neicamente” economico, S. Exa. fez assim mesmo: — teve, além do cargo, casa e comida. Poderá replicar S. Exa que residia no Palacio não para economizar, mas para melhor dirigir o barco, fiscalizar o serviço do departamento a seu cargo... Responderemos, então, que não dirigiu cousa alguma. Nunca os burocratas foram tão relapsos e tão amantes da leitura de romances de “capa e espada” como no seu tempo. Hoje a literatura foi suprimida nas repartições... Ninguém mais lê romances. Escrevem-se officios con-

cordando “V. Exa.” com “vossa” e joga-se, heroicamente, pontualmente, umas centenas no “bicho”. Jogo que afinal de contas não passa de uma loteria, — loteria, que no dizer do immortal escriptor que S. Exa. tanto aprecia é “o opio da miseria”. O “bicho” é pois, o segundo Balzac, o calmante, a esperança da pobreza.

E pobres são quasi todos os funcionarios. Carregados de familia e miseravelmente pagos, procuram no opio zoologico o necessario para melhorar a receita. Nem todos os funcionarios têm a ventura de, como o sr. Mercado, responder á chamada na Camara durante quinze dias e receber a diaria de 60\$000 reis, durante seis, e, ás vezes, oito mezes.

É verdade, porém, que S. Exa., nos tempos de fartura, sempre achou que sessenta mil reis por cabeça, afóra o café e os gelados, em troca do “presente”, era muita cousa. E por ser assim, mais de uma vez, propoz á Camara a redução do subsidio dos deputados, — depois de ter combinado com os collegas que rejeitassem o projecto. Veiu a crise e quando todos espera-

vam a repetição do bello gesto, S. Exa. ao em vez de propôr o córte, ataca de rijo os funcionarios, deixando-os na rua da amargura.

Como todos, extranhamos o procedimento do illustre Mercado e por isso, resolvemos ouvil-o sobre os motivos que o levam a amesquinhar, ou melhor, injuriar os patrioticos burocratas.

— E' ogeriza velha — respondeu-nos S. Exa. — ogeriza que tem uma causa justa. Estou me vingando da classe a que o sr. pertence.

— Poderiamos conhecer essa causa?

— Ha tempos, ha muitos annos, no tempo em que morava no Palacio do Governo e percorria de pyjama e chinellos as suas dependencias, um funcionario relapso e invejoso me chamou de feio...

— Naquelle tempo V. Exa. já era...

— Sim, já era feio como hoje — completou s. exa. acabrunhado — muito feio e ranheta, com a attenuante...

— Com a attenuante...

— ... de que naquelle tempo o meu cerebro não era blindado.

STIUNIRIO GAMA

VENDER GOLTZ NA TURQUIA



— FUI DESHONRADO, MARECHAL... VEJA AQUI O QUE UM RUSSO ME FEZ.

— CALA A BOCA, IMBECIL! ISSO NA ALLEMANHA É UMA VICTORIA.

PÉSCA

Eia, canoeiro! rio acima, tóca!
 Mais pela margem, pela sombra fresca,
 Assim... e enquanto a viração refresca
 Vamos! que a linda tarde nós provóca...

Vamos além, onde a agua desembóca
 Num sitio favoravel para a péscia.
 Quero sentir a graça pittoresca
 De apanhar os gulosos... pela bocca!

— Aqui... pois bem! mas não façamos bulha
 Enquanto o fino anzol n'agua mergulha
 E a belleza do quadro nós recreia.

Será, p'ra mim, um gosto, uma alegria
 Se levarmos, no fim da pescaria,
 Um formoso dourado para a ceia!

23-12-914

GRACIEMA NOBRE DE CAMPOS

KERMESSE NO ANGLO BRASILEIRO

UM GRUPO DE MOÇAS CHICS POSANDO PARA O *Pirralho*

Palcos & Fitas

THEATRO SÃO JOSÉ

A companhia portugueza de operetas e revistas que actualmente trabalha neste theatro representou pela primeira vez, segunda feira, a opereta — Sonho Fatal — libreto de A. Tavares e musica de Luiz Filgueiras.



Desde o titulo, que lembra cartazes cinematographicos até a urdidura que é muito do lugar commum a opereta não foi das *primieras* mais felizes que nos deu a empreza J. Gonçalves, não obstante o seu reconhecido desejo de bem servir o publico.

O sr. A. Tavares merece um conselho: — não se deixe empolgar pelo primeiro assumpto que sua mente lhe inspire, ou sua memoria lhe traga. No seu libreto ha reminiscencias pronunciadissimas da — Princesa dos Dollars — e no desenvolver da acção ha detalhes que foram muito mal cuidados e inverosimeis o que indica não ter sido o assumpto bem digerido. Comtudo o trabalho tem uma nota que o recommenda — é o resultado de um esforço. O sr. A. Tavares é um talento muito aproveitavel.

Deve entretanto quando escrever libretos repellir e condemnar a theoria corrente que affirma que numa opereta a musica é tudo e o libreto nada.

A musica do maestro L. Filgueiras bem prova o que digo. Não consegue absolutamente vestir a pobreza do assumpto nem salvar a peça da monotonia que mais se acentua no 3.º acto.

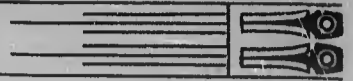
A musica do — Sonho Fatal — é toda feita de reminiscencias do autor e de outros e motivo principal da peça é um fado. Isto indica que o maestro incidiu no mesmo erro do libretista — a pressa, a soffreguidão.

O maestro Filgueiras já nos deu e é capaz de nos dar coisa muito melhor.

O desempenho correu satisfactorio. Isabel Ferreira que se encarregou do papel de protagonista deu-nos uma Anninhas muito humana na dramatização e muito accetavel na parte cantante; Monteiro fez um discreto D. Nuno; Satanella encarnou bem o papel de Arlete — a dançarina — porquanto estava no seu elemento; Alberto Ferreira um bom Felisberto; Herminia Adelaide, Alberto, Ghira, Edú Carvalho, Raul Soares, Aruda e Gina Costa concorreram com o seu esforço para o bom desempenho da peça.

Os scenarios estão montados com capricho e gosto, principalmente o do 2.º acto. Os coros bem afinados.

E. M.



NATAL NO MAR

(PEDRO RODRIGUES DE ALMEIDA)

Voltava eu do Paraná, onde estivera em viagem de recreio. Vinha revigorado pelas virtudes do clima e pela convivência com a paisagem ampla e viridente, ombalsamada pelo olor resinoso dos pinheirais.

Passados três dias na torrida e arenosa Paranaguá, ancorou no porto, na véspera do Natal, pela madrugada, o Jupiter, que devia conduzir-me a São Paulo.

Às 9 horas da manhã, vencidos os trinta minutos da travessia, num bote velho impellido a remos pelos musculos requemados de um caboclo espadado, embarcávamos eu e meu companheiro de viagem.

O Jupiter que tinha estado doze dias preso na Barra do Rio Grande, vinha repleto: officiaes de marinha, familias de Matto Grosso e Santa Catharina, estudantes em férias, por toda a parte, um alvoroço enorme.

Rapazes passeavam, palestrando; um sujeito vermelho e barrigudo brincava desengradadamente com uma menina; á popa algumas moças palravam com algazarra e riam alto; á prôa, um grupo de homens estava amontoadado em volta de um tableiro de gamão.

Duas senhoras conversavam, sentadas em espreguiçadeiras; uma d'ellas tinha um livro na mão. Deste conjuncto, o que logo me prendeu a attenção, foi a mulher do livro. Dahi a pouco a outra desceu.

Ella, então, levantando-se, sem me ainda ter visto, encaminhou-se para a amurada e continuou a lêr.

Era um typo insinuante de morena, esguia, d'olhos humidos e negros; vestia com simplicidade e elegancia um vestido de linho alvo, de mangas justas e longas, gola alta e corte irreprehensivel. Sentei-me para o serval-a, e da minha cadeira, debruçada ella para o mar, eu via apenas a curva branca e ondulante do seu corpo, rematada pela exuberancia dos cabellos negros.

Durante o almoço, si bem que nos tivessem collocado afastados um do outro, pude observar-a á vontade. Parecia mo quasi aristocratica, nã serenidade sobria da belleza, da toilette e dos modos; despertou me logo um interesse inexprimivel, uma eu iosidade d'essas que são, ás vezes, o inicio das grandes ligações.

No correr da refeição, os nossos olhos, de minuto a minuto, se encontravam, nutuando um olhar furtivo e rapido.

Ao levantar-se da mesa, quando erguen os braços, num gesto de compor os cabellos, vi que trazia uma alliança no annular da mão esquerda.

Um rapaz feio, de cabellos quasi loiros, cortados em franja e bigódes aparados, aproximou-se e disse-lhe alguma coisa; ella,

ouvindo-o distrahida, abotoou-lhe um botão do dolman *kaki*, que trazia vestido e saecu-diou a cabeça em signal de approvação. Devia ser o marido.

Continuámos a nos entre-olhar, de longe.

Eu procurava, com avidéz, um motivo para entabolar conversação.

O Jupiter poz-se em movimento, fez todo o fundo de sacco da bahia e foi carregar em Antonina.

Grande numero de passageiros, em pé na prôa, observava o panorama da costa.

A mulher do homem de dolman estava um pouco adiantado de mim; a viração morna e quasi imperceptivel mexia-lhe de leve na guarnição rendada da gola alta e me transmittia, passando, um arôma fraco de cyclamens pisados.

Logo que a pittoresca cidade do littoral começou a apparecer, saltou-nos immediatamente, á vista, a ponta do Itapema, arremettendo pela agua a dentro, accidentada e pedregosa, com suas grandes arvores de folhagem miuda, com seus coqueiros altos de franjas cahidas.

O sól, a prumo, dispersava-se numa prodigalidade offuscante de raios de fogo, sobre o mar quieto da bahia, realçava o verde das vegetações e dava a impressão de uma nevoa quente, a fluctuar lá longo sobre os picos da cordilheira.

— Que bella paisagem! exclamei eu.

A moça voltando-se, rapida, interrogou sorridente:

— Fala commigo?

E estava iniciada a palestra.

Chamava-se Ophélia, vinha de Matto Grosso para o Rio de Janeiro, onde ia fixar residência; fôra educada num collegio em Montevidéo; nessa cidade e em Buenos Ayres tinha vivido nove annos.

De prompto, os nossos espiritos se entenderam; nma afuidade evidente de gostos e de temperamentos nos approximava.

Falou me da natureza, tinha a paixão do mar, gostava immenso, das ascensões perigosas e communicou-me, com vivacidade e colorido, impressões de uma excursão, que fizera nos Andes.

Intretiv-mo-nos, longamente, trocando opiniões sobre arte, conversámos de pintura, dissémos versos um ao outro; uma forte sympathia espiritual cada vez mais nos unia.

Tinhamo-nos sentado, o tagarellando animadamente, na morbidez d'aquella temperatura senogalesca, os nossos olhos, animados de um brilho extranho, misturavam ao rythmo das phrases um mundo de coisas intimas que não diziamos.

Quando, por associações de idéas, por esse processo do elliminação e renovação de assumptos, que faz a engrenagem das conver-

KERMESSE NO ANGLO BRASILEIRO



UM GRUPO DE MOÇAS

sações, voltamos a falar de nós, eu perguntei-lhe:

— Ha quanto tempo está casada?

— Ha tres mezes, disse-me ella, com um sorriso triste.

E apenas tinha eu conseguido saber que o marido era de facto o homem feio de cabellos cortados em franja, que se chamava Cesar, era aspirante de marinha e filho de Corumbá, onde se tinham visto pela primeira vez, quando algumas moças, pedindo licença, se aproximaram e entraram na nossa conversação.

O marido de Ophelia, o mais influido dos jogadores de gamão, desde o almoço, ainda não tinha arredado pé do taboleiro.

A tarde voltámos a ancorar no porto de Patanaguá, onde o vapor devia receber uma grande carregação de madeira.

Ao anoitecer, veio uma viração ligeira; tivémos um occaso magnifico; o ouro fosco do pôr do sol dava um realce inexprimível ao azul carregado da murraria, limitando a superficie calma do oceano.

Espalhados pelo tombadilho, os passageiros conversavam aos grupos.

Tinha escurecido de todo, ea estava só a contemplar a agua e as ondulações do terono, no circulo do horizonte; as boias accesas succediam-se a perder de vista, numa linha irregular; vózes, vindo como de muito longe, chegavam fracas a meus ouvidos, palavras soltas passavam e se perdiam no vazio do espaço.

De um montão de nuvens negras, emergiu de vagar uma lua colossal.

E tudo foi se contornando melhor, adquirindo formas precisas; cada ponto de vista parecia destacar-se do conjunto e flutuar isolado na claridade transparente.

Vi Ophelia, que vinha para mim; chegou-se e com uma alegria menineira veio comunicar-me que teriamos, á meia noite, uma fêstinha, a bordo.

Como eu a convidasse com desembaraço a fazer-me companhia, sentou-se a meu lado.

Conservámo-nos calados por muito tempo; os seus olhos negros, desbordando de uma luz triste, perdiam-se muito além de tudo, acompanhando, talvez, os acenos fugidios de um sonho vago.

Depois, olhando para mim disse pausadamente:

— Como se ve longe nas neites de luar!

— E principalmente com os olhos do coração, respondi-lhe eu.

Alguma coisa me subia até a bocca. Meio embriagado de luar, desabafoi longamente e lentamente. Aproveitando o ensejo da phrasa comecei.

Falei-lhe dos encontros imprevistos, da fatalidade de certas horas que collocam um em frente a outro dois seres, tão distanciados, tão alheios, tão desconhecidos, más que pela rapidez com que se entende, pela sympathia com que se ligam pareciam feitos para se com-

prehenderem... E porque não para se amarem, si o perfeito amor resulta da perfeita comprehensão?

Quem nos diz a nós, que o verdadeiro affecto não è esse que o acaso faz nascer?

Nascer? Será precisamente o termo? Não, que o acaso apenas desperta pois cada homem tem uma afeição talente, dentro de si; a espera do Objecto qua a concretise.

Quantas paixões abnegadas não nasceram assim; num instante, pelo encontro fortuito de duas almas tranquillias, vindo uma do norte, outra do sul?

Ella ouvia-me calada e nervosa. Eu, sem me deter, fui passando das prebabilidades aos factos, da ficção á realidade, e exagerando, disse-lhe, com sentimento, o amor que o nosso ecentro despertara em mim.

Na outra ponta da coberta, o gamão continuava animado. E entre tres cabeças negras, apesar da distancia distinguia-se, por traz, a a cabeça de Cesar, quasi loira, curvada para o taboleiro.

Ophelia, com a voz tremida, falando muito baixo, custande a encontrar as palavras, respondeu-me, procurando ser reflectida, no deslumbramento d'aquella noite.

Havia entro nós os seus deveres de esposa, não podia amar; a sua vida estava acorrentada á de seu marido. Além disso, era incrédula, achava os homens mentirosos, enganadores, maus, pois não era um homem que tinha feito a sua infelicidade? E parou.

O luar claro e amplo enchia todo o espaço; illuminava a physionomia severa e o vulto negro de um marinheiro passando, roçava a superficie crespa do mar e adiante desdobrando-se mais, seguia, de perto sinuamente, es accidentes todes do arvoredo e da serra.

— Mas, porque se julga infeliz? Quem foi esse homem que lhe fez tanto mal? Ophelia, hesitante a principio, deu largas a sua mágua.

Achava-me bom, sentia-se bem falando commigo; en era delicado, sensível, havia de perceber-a. O que ia me dizer, nunca d'sséra a ninguem por uma especie de pudor, de reserva natural.

Pedia-me que, passado aquello momento, esquecesse o seu desabafo.

Casara-se obrigada pelo pae, porque a familia de Cesar era muito rica e de mais soffria muito com a madrasta; o seu maior desejo era ver-se livre do jugo d'essa mulher.

Cesar, quando noivo, parecia gostar d'ella; chegára até a sonhar com a felicidade e teve uma desillusão tremenda.

O marido nunca fôra carinhoso; desde os primeiros dia de casado começou a recolher-se tarde, a tratá-la asperamente; passava as noites no jogo, tinha amantes, e ella enumerava uma infinidade de factos, documentando pacientemente tudo o que contava.

No rosto da pobre moça adivinhava-se-lhe toda a sua dôr de esposa desenganada.

Disse-lhe, com carinho, a pena que ella me inspirava; quanto o seu martyrio exacerbava o meu amor; prometti-lhe ser discreto, não abusar da sua fraqueza, não mular o recollimento de angustia em que vivia, mas queria, e era apenas isso, ouvir uma palavra consoladora, queria saber si ella me dava uma migalha de affecto, si, ás vezes pensaria em mim, quando afastados...

Ophelia collecou a mão sobre a minha e respondeu assim:

Quem não e ha de amar, o sr. é tão bom?

Emmudeci. Estavamos bem juntos. Os passageiros tinham descido quasi todos para a ccia; o grito cadenciado e monotono dos marinheiros misturava-se ao ruido secco do guindaste, atirando cargas para o porão.

Os homens do gamão, concentrados e pacientes, continuavam a mover as pedras; as noosas sombras projectavam-se no chão, para diante, e como eram muito longas, cahiam no mar.

Depois de um grande silencio, em que não achavamos nada para dizer, vivendo um mundo de emoções novas, quasi felizes, olla disse com uma voz diferente, como se aquolles segundos fossem horas de uma convivencia familiar, affectuosa e íntima de muitos annos:

— Agora, você me dê licença, vou descer porque pôdem reparar.

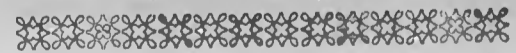
E vi-a desaparecer, como uma visão so apaga.

Fiquei só, esqueci o tempo.

E emquanto na sala de jantar, os passageiros iniciavam alegres o pobre *reveillon* de bordo, com figos do Algarvo, passas e castanhas, eu, em face da noite, diante do ceu carregado de estrellas, sob a lhama branca do luar, sentia remorso do meu Natal sentimental e mundano.

E procurando afastar do espirito essa aparição branca e fugaz de mulher, fui recordando todos os Nataes do meu passado, e commovido pela belleza do mar, pelo silencio da penumbra, pela evocação da infancia, cali num d'esses dôces extases mysticos da vida, em que o coração se absorve na visão de Deus.

E através de todas as estrella, fui procurando, numa préce muda, a estrellas de brilhos ineditos, que conduziu pelas estradas poeirentas da Judéa, a magestade scientifica dos Magos e a humildade confiante dos pastores de Bethlém.



Leiam brevemente a secção
"O Piralho no Rio"

A politica nos bairros

Consolação Pequena historia A fuga do Capitô

O Capitô reuniu em sua casa o Piedadô, o Baptista (representando o dr. Raul Cardoso) o Noschese e o Juô Rodrigues (representando, dizem, o dr. C. Garcia). Depois de muita discussão e muita propôsta, o Noschese sahiu-se com este calculo, para distribuição dos votos da Consolação:

Eleitores existentes — 2.752.

Votos para o Piedade 1.089. para o Raul 756, para o Garcia 423, sobrando 484 para 4 candidatos do Governo, cabendo 121 a cada um.

Mas, a nota interessante da reunião foi a prova do calculo tirada pelo Capitô.

Piedade	1089,	noves	fora,	0;
Raul	756	»	»	0;
Garcia	423	»	»	0;
Candidato official	121	»	»	4;

E o Baptista, que é muito inteligente, exclamou: Uê!... Capitô, p'ra nó dá tuto zero, pr'os candidatos ufiaciá qui sô quatro, da tuto quatro, issu é azá.»

O Capitô buscando uma sahida, sentenciosamente virou-se para o Noschese: «Ora, você borrou-se no calculo, trocou-me os signaes e agora vae dar tudo negativo.» Foi *purissu* que o Capitô fugio, de raiva, para o Avaré.

VEDETA.

Um coroné da briosa,
E um capitô, dito, cujo,
Namoradores das urnas,
Levarão dellas o sujo.

Por mais que vivam tentando
Engazopar o eleitor,
Sempre de fora, das Camaras
Ficam, criando bolôr.

São tristes almas batidas
Da politica na historia,
Por mais derrotas que soffram,
Mais sonham, inda, com gloria...

Dizem, que o cégo maior
E' o que a si cegueira inventa...
Pertence a todos no mundo
A presumpção e a agua benta.

X.

Villa Cerqueira Cesar

Dialogo politico:

— Então o Eiras continua no P. R. C. apesar d'elle não existir mais?

— O Eiras, meu caro, é e sempre foi franco atirador.

Muitas vezes o proprio P. R. C., quando vivia teve as suas desillusões com elle. Mineiro energico e independente, contando com seu grupo forte, elle nunca formou submisso num partido.

— Então aquella confiança do Capitão...

— Mais de uma vez, o capitão teve a prova aberta, clara, sem trahição, de que o Eiras não o acceiteava *in totum*.

— E agora a liga...

— O Eiras não liga.

Lapa

Entre o Coroné e um inleito:

—... Você fique sabendo, que si não fosse a manifestação que me fizeram, ha mais tempo me teria mudado da Lapa. *Mais a diaba da festa é que me infruiu a ficá...* damnado com o

1.º Juiz, ou *mior*, os amigos *ursos*, é que têm a *curpa de eu brigá* com elle.

Hoje, elles *tão tudo* bem com o Juiz e eu... *tou de mar*.

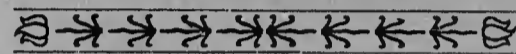
Mais a urucubaca hade chegá nelles

— com o Partido Democrata...

— Até logo, seu Juca!

— Até ás uvas, Coroné!

ZÉCA.



Drs.

Antonio Define

Raul Corrêa da Silva

— e —

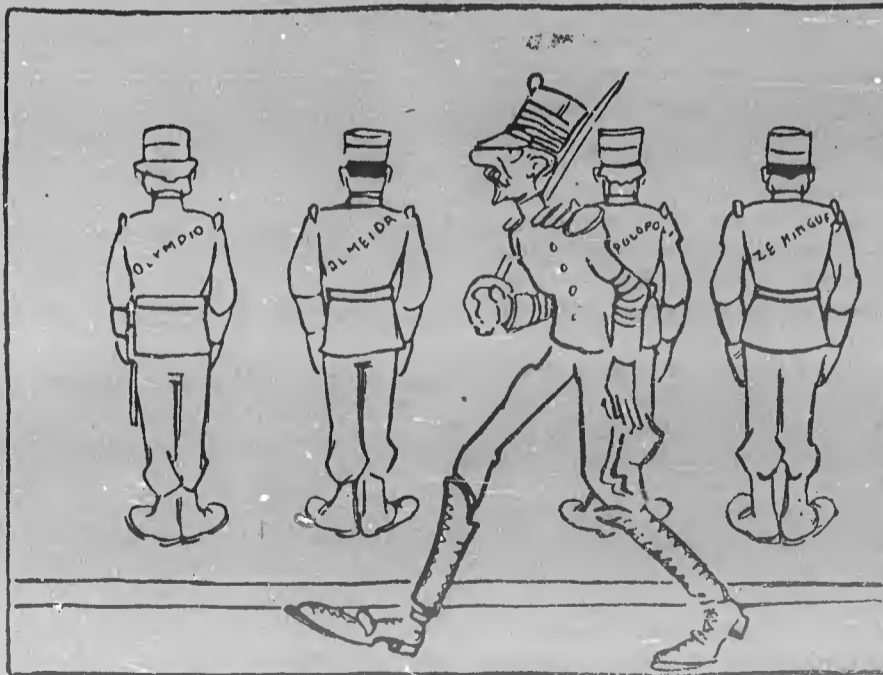
Dolor Brito Franco

ADVOGADOS

Rua 15 de Novembro, 50-B - (Sala 7)

ATTENDEM DAS 12 ÀS 15

REVISTA ÀS FORÇAS



O CORONEL DEANTE DO SEU ELEITORADO DE QUATRO VOTOS

JOSÉ LEÃO BALSEIROS

Preso ha dias no Rio de Janeiro não é o Prof. George Baçú

UM AVENTUREIRO PERIGOSO

Foi preso ha dias na capital da Republica um mystificador de nome José Leão Balseiros que dizia ser o Prof. George Baçú.

Logo que se espalhou a noticia da prisão do falso Baçú ouviu-se nesta capital um leve rumor contra o verdadeiro *Prof. George Baçú*, que está em São Paulo ha quasi um anno, residindo actualmente á *Rua da Victoria N. 129*.

E era muito explicavel esse rumor, porquanto o engazopador que vivia ludibriando os incantos no Rio de Janeiro, explorando a boa fé de pessoas pouco esclarecidas alardeava ser o Prof. George Baçú depois de haver dito que era seu discipulo.

Isso tudo, porém, não pasava de uma mentira delcbellado, de um ardil ignobil de trapaceiro inveterado.

A verdade é que o tal José Leão Balseiros nada tem de comum com o Prof. Baçú e nunca teve ligação nenhuma com o nosso hospede.

Meliante habil é despudorado Balseiros servia-se desse plano

para enriquecer-se, logrando os pobres diabos que lhe cahiam ás mãos.

O Prof. George Baçú nunca andou pelas cadeias como o madracó Balseiros, que já é bastante conhecido pela policia carioca.

O *Prof. George Baçú* sem prometter mundos e fundos, sem fazer alarde de thaumaturgo, sem apregoar maravilhas, conquistou com o seu trabalho e a sua intelligencia um nome bellissimo e conseguiu ser acatado e respeitado no meio em que vive.

Era natural, portanto, que surgissem os mystificadores, apparecessem os falsarios, que, escudados no nome do illustre Prof. Baçú, procurassem cavar a vida, praticando trapaças ignobeis e desavergonhadas.

José Leão Balseiros é um aventureiro torpe que conseguiu com pomposos reclamos cheios de mentiras e aleivosias passar na capital da Republica por Prof. Baçú, com o fito unico de encher os bolsos.

E como tal passou elle du-

rante muito tempo suggestionando os ignorantes e locupletando-se fartamente com o arame dos papalvos.

A coisa, felizmente, não durou muito tempo, porque o chantageista ministrando veneros aos que tinham a infelicidade de procural-o deu cabo da vida de duas senhoras.

Esse facto alarmou a população do Rio de Janeiro e dentro de poucos dias o Brasil todo sabia que o falso Baçú havia morto duas pobres mulheres.

A policia prendeu o assassino e como era de se esperar logo se estabeleceu uma confusão tremenda sobre o espantoso caso.

Apesar do Prof. Baçú declarar sempre nos annuncios que fazia na imprensa desta capital e na do Rio de Janeiro, que trabalhava sósinho e que não tinha representante, nem discipulo em parte nenhuma, o *escroc* José Balseiros conseguira enraigar no espirito de muita gente que era elle o verdadeiro Prof. Baçú, de modo que muitos acreditavam piamente no que cavillosamente

affirmava o desbriado cavador.

Em vista disso é mister que se diga bem alto que o *Prof. George Baçú* não tem ligação nenhuma com José Leão Balseiros e muito menos é o ladravaz, que está sendo processado na capital da Republica.

O *Prof. Geoge Baçú*, que de vez em quando costuma fazer umas excursões pelo interior do Estado de São Paulo, sendo sempre recebido com festas por onde quer que passe, achava-se em Dous Corregos, quando a policia fluminense prendeu José Balseiros e não obstante o mandado de prisão expedido contra o nosso hospede, o verdadeiro *Prof. Baçú* permanece intacto nesta capital, pois o seu advogado comprometteu-se a provar e provará que nada ha de common entre o falsario deslionesto e o benemerito *Prof. George Baçú*.

O simples facto, portanto, de se achar em Dous Corregos o *Prof. Baçú* quando foi effectuada no Rio a prisão de Balseiros basta para affastar de todos os

espíritos a supposição de que o meliante fosse de facto o *Prof. Baçú*.

A distincção é obvia e clara, porisso qualquer duvida que por ventura pairasse ainda em algumas pessoas, desaparece deante desse facto, que ninguem póde contestar.

Demais o *Prof. George Baçú* já é bastante conhecido, pois, diariamente, centenas de pessoas vão á sua procura e até hoje nenhuma queixa se levantou contra elle, nenhuma reclamação surgiu contra a sua acção.

E' que o *Prof. Baçú* não vive receiptanto mezinhas perigosas, e não tem o fito unico de cavar a vida. Elle não procede como o intrujão José Balseiros, que cynicamente propinava venenos aos que o procuravam e para ganhar uns cobrinhos não se incomodava de prejudicar a saude dos seus infelizes clientes.

O *Prof. George Baçú* antes de mais nada tem uma consciencia é incapaz de desmandos absurdos e torpezas inconfessaveis.

Conhecedor perito do mister o *Prof. George Baçú*, sem attrahir a cuiosidade publica com exhibições apparatusas, tem conseguido triumphos bellisimos e não ha quem possa apontar no seu tirocinio uma falha ou um deslise.

Além de tudo o *Prof. Baçú* é um philanthropo acabado e para prova disto basta abrir os jornaes e ver-se-a diariamente quanto elle distribue aos pobres, ás intituições pias etc, etc.

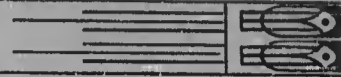
Era necessario, portanto' que se estinguisse de uma vez para sempre a duvida que surgira sobre o caso da prisão de Balseiros, era mister que ficasse bem patente a distincção entre o benemerito *Prof. George Baçú* e o fanigerado histrião José Balseiros, porque entre esses dois homens medeia, como ficou provado, uma enorme distancía e tentar fazer um parallelo entre os dois seria desmerceer o *Professor George Baçú*, que já grangeou em nosso meio uma bella reputação.

Professor George Baçú

Rua Victoria, 129



S. Paulo

**QUEREM A FELICIDADE?**

☐ ☐ ☐ **NADA MAIS FACIL!**

E' em S. PAULO, á Rua S. Bento N. 28 — Caixa Postal, 1062.
 Agencias em todo o Brazil — Succursal no RIO á Rua Marechal Floriano, 15 — Caixa Postal, 697

ALCANÇA-SE ISTO INSGREVENDO-SE O MAIS BREVE POSSIVEL NA

“CAIXA DOTAL DE S. PAULO”

Approvada e autorisada pelo Decreto N. 10996, do Governo Federal.

Esta caixa constitue dotes para Casamentos, Nascimentos e tem uma Secção de Seguros contra Fogo

A tabella para essas séries é:

CASAMENTOS	NASCIMENTO
<p>Serie A — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada casamento 1\$000 — Sello e diploma 4\$000.</p> <p>Serie B — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada casamento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.</p> <p>Serie C — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada casamento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300</p> <p>Serie D — 20:000\$000 Joia . 150\$000 — Contribuição para cada casamento 10\$000 — Sello e diploma 7\$400.</p> <p>Serie Especial — 50:000\$000 Joia . 500\$000 — Contribuição para cada casamento 30\$000 — Sello e diploma 15\$100.</p>	<p>Serie I — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada nascimento 1\$000 — Sello e diploma 4\$100.</p> <p>Serie II — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada nascimento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.</p> <p>Serie III — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada nascimento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.</p>

A pedido inuiamos estatutos e prospectos = **Prodigios do Mutualismo!!**

Banco de Credito Hypothecario e Agricola do Estado de S. Paulo

LOCAÇÃO DE COFRES-FORTES

O Banco de Credito Hypothecario e Agricola, do Estado de S. Paulo, tem a disposição de Commercio e do Publico, compartimentos de cofres fortes para a guarda de objectos preciosos, titulos, dinheiro, papeis de valores, joias, etc.

A construcção destes Compartimentos fechados em cofres fortes de 2 m 34 x 1 m 69 x 0, m 75 construidos pela grande casa «Fichet» de Paris, é identica á dos grandes estabelecimentos do mundo.

Esses compartimentos fecham-se por meio de uma fechadura de toda segurança com chaves especiaes e chaves de contrôle que exige sempre a dupla intervenção do locatario e do Banco para a abertura ou fechamento do compartimento.

Cada compartimento tem seu segredo Systema de combinação «Fichet» com tres botões que permite formar um segredo que annulla completamente o uso da chave de abertura a vontade do possuidor do compartimento.

Este systema de combinações «Fichet» é o mesmo adoptado em geral em todos os grandes estabelecimentos da França.

Os cofres de locação acham-se depositados na caixa forte situada no sub-solo do Banco, e a sua construcção garante a mais completa segurança.

A caixa forte acha-se aberta á disposição do Publico das 9 1/2 ás 17 horas, todos os dias uteis.

A tabella de locação dos compartimentos de cofres fortes é a seguinte:

	Dimensões		PREÇOS		
	Altura	Largura	3 mezes	6 mezes	1 anno
Modelo n. 1	0,13	0,25	15\$000	25\$000	40\$000
» » 2	0,20	0,25	18\$000	30\$000	50\$000
» » 3	0,25	0,25	20\$000	35\$000	60\$000
» » 4	0,25	0,51	40\$000	70\$000	120\$000
» » 5	0,50	0,25	40\$000	70\$000	120\$000
» » 6	0,50	0,51	80\$000	140\$000	240\$000

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realiado Rs. 4.000:000\$000 == Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo { BIJOU THEATRE
BIJOU-SALON
IRIS-THEATRE
RADIUM-CINEMA
CHANTECLER-THEATRE

THEATRO SÃO PAULO
IDEAL CINEMA
THEATRO COLOMBO
COLYSEU DOS CAMPOS ELYSEOS
SMART CINEMA

Rio de Janeiro { CINEMA-PATHE'
CINEMA-ODEON
CINEMA-AVENIDA
THEATRO SÃO PEDRO DE AL-
CANTARA

Em Nictheroy: EDEN-CINEMA — Bello Horizonte: CINEMA-COMMERCIO — Juiz de Fóra: POLYTHEAMA
Santos: COLYSEU SANTISTA -- THEATRO GUARANY

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro
Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

Nordisk, Ambrosio Itala, Phares, Bioscop, Selig, Nester, Durks e todos os films de successo editados no mundo Cinematographico
Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!! 36 marcas... 70 novidades por semana.
Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÈRES. Cinemas KOKS
proprios para Salões em casa de Familias.

Alugam-se e fazem-se contractos de fitas

Sede em S. PAULO - Rua Brigadeiro Tobias, 52 - Succursal no RIO: Rua S. José, 112
Agencias em todos os Estados do Brasil

O "PIRRALHO" EM 1915

O Pirralho tem um excellente programma de reformas para o proximo anno de 1915.

Conservando o seu character de revista leve, literaria e humoristica, iniciará, no emtanto, secções de interesse variado, procurando extender o seu publico aos que se preocupam com as questões vitaes do estado e do paiz — lavoura, commercio, industria, etc.

Promoverá novas enquêtes, visto o grande successo da iniciada entre intellectuaes e mundanos da nossa cidade sobre a personalidade de Fradique Mendes e a questão da vida superior.

Desenvolverá a secção "Pirralho Social"; augmentará a reportagem photographica; publicará collaborações ineditas dos nossos melhores homens de letras; entrevistará, sobre variado assumpto, as figuras do dia.

Assignatura annual 15\$000

Redacção : Rua 15 de Novembro, 50-B